Seda
Revista de Letras da Rural/RJ
ISSN 2525-5940

e4004
Data de submissão: 28/05/2018
Data de aprovação: 24/06/2018
Data de publicação: 09/11/2018
Editoras de seção e organizadoras do dossiê:
Cintia Kütter e Claudia Barbieri Masseran

CC BY NC ND

‘Pentear-me por escrito’: a busca de si por meio da biografia de um cabelo

'Combing myself in writing': the search for self through the biography of a hair

Sheila Jacob
https://orcid.org/0000-0002-8412-8655
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Pós-Graduação em Estudos Literários – Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Esse cabelo:* a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras. Rio de Janeiro: Leya, 2017. 144 p.

“Onde deixei a Mila?” O tempo da procura coincide com o tempo da descoberta, exatamente como se percebesse o propósito do que escrevo no decurso de escrever. A pessoa que encontrei por acaso confunde-se com o resultado de uma procura apenas no sentido em que, se usarmos uma pá para desenterrar um baú, é possível que o baú encontrado esteja marcado pela pá que usamos.

Djaimilia Pereira de Almeida

A escritora Djaimilia Pereira de Almeida nasceu em Luanda, capital de Angola, e cresceu em Lisboa, onde vive até hoje. “Mila”, narradora em primeira pessoa de seu romance *Esse cabelo*, também. No entanto, não nos deixemos confundir: nessa obra escrita em tom memorialístico, autobiografia, ficção e ensaio se retroalimentam a cada página. No livro, sérios questionamentos acerca da identidade, principalmente dos sujeitos em trânsito no mundo contemporâneo, são propostos com doses de humor e toques de poesia, sem, no entanto, embaçar pertinentes críticas sociais. A proposta de escrever uma biografia do cabelo crespo é o ponto de partida para a exploração dos múltiplos e contraditórios sentidos do “eu”. Como lemos na primeira página do romance: “A minha mãe cortou-me o cabelo pela primeira vez aos seis meses. [...] Nasce daquele primeiro corte a biografia do meu cabelo” (2017, p. 9).

Djaimilia esteve no Brasil em 2017, na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Na ocasião, explicou sobre a motivação

para a escrita do livro, então recém-lançado em nosso país. Após ver vídeos que circulavam pela internet, em que moças negras de cabelos cacheados trocavam dicas de tratamentos e penteados, a autora pôde ver que não estava sozinha, e que seu drama capilar era compartilhado por mulheres de diversos continentes. Os ensinamentos, usualmente aprendidos em salões de beleza, tornaram-se um movimento de valorização da beleza negra com alcance global, e seu livro é, segundo ela, uma tentativa não apenas de encontrar a si mesma, mas também uma forma de contribuir para esse importante processo[1].

A motivação para a definição do título do romance veio de uma pergunta feita pela avó branca: "Então Mila, quando é que tratas *esse cabelo*?" (2017, p. 42, grifo da autora). A expressão, escolhida para nomear a obra e destacada em itálico pela própria narradora ao longo do texto, deixa explícito o tom de crítica e inferiorização do cabelo crespo que perseguiu a protagonista ao longo de sua vida, experimentando mudanças em penteados e cortes como uma forma de tentar fugir de quem era e, ao mesmo tempo, percorrer uma dificultosa trajetória de autoafirmação.

"Mila", como se apresenta (cf. 2017, p. 24), nasceu em Luanda e, com três anos, em 1985, chegou em Portugal (p. 12). Aos seis experimenta a primeira ida ao salão para fazer um tratamento químico que consistia em "'abrir o cabelo', torná-lo mais maleável" (p. 24), como lhe haviam explicado. Esse momento é recordado como uma experiência de batismo: "Eu nascia, com um grau distinto de paranoia, para o meu cabelo e ao mesmo tempo para uma ideia de mulher" (p. 25-26). Aparência e corpo vão moldando as mudanças internas da personagem, que escolhe as mudanças capilares – tranças, corte curto, cabelo esticado e até mesmo raspado à máquina zero – como pontos de referência para a escrita de um mapa identitário em permanente transformação:

> Em dois mil e onze, com indisfarçável desgosto, cortei o cabelo para me esquecer dele ainda mais. É claro que expliquei a mim mesma o esquecimento como simples sentido prático: lavar e andar, etc. Não posso é esquecer-me deste cabelo sem me esquecer também de mim e seguir à minha frente deixando-me para trás como duas pessoas que se perdem numa feira, admiti para comigo mais tarde. (2017, p. 81).

No entanto, há o momento em que percebe não ser possível fugir de si, ao mesmo tempo em que desconhece, devido a convenções que a formaram, quem realmente é.

[1] Flip 2017 - "Pontos de fuga", com Carol Rodrigues, Djaimilia P. de Almeida e Natalia B. Polesso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-FThau-Lks>. Acesso em: 15/01/2018.

> Tinha o cabelo curto e via-me em casa no dia em que acordei com saudades de mim, mas saudades do que nunca fora, de duas ou três ruas de Luanda, de um estereótipo: saudades, meu Deus, de uma caricatura da pessoa que eu poderia ter sido, um exotismo. Acerca dessa Mila que não existe, a pessoa que vim a tornar-me tem uma imaginação vedada por uma ignorância exasperante a respeito da África. (2017, p. 81).

Antes liso, agora crespo, a biografia de seu cabelo expande-se para além da escrita de si, afinal de contas, trata-se da "tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras", como lemos no subtítulo de *Esse cabelo*. Através dos obstáculos subjetivos que precisou ultrapassar em seu percurso individual, tornamo-nos leitores de um trecho da história coletiva das mestiçagens, dos múltiplos trânsitos que marcaram nossa história e levaram à formação intercultural e transnacional a que Paul Gilroy inclusive chamou de "Atlântico negro" (cf. 2012, p. 28). Na cabeça da narradora, reflete-se um passado de encontros, tensões, disputas e hierarquizações entre povos e culturas distintas. "A verdade é que a história do meu cabelo crespo cruza a história de pelo menos dois países e, panoramicamente, a história indireta das relações entre vários continentes: uma geopolítica" (2017, p. 10).

Ao longo do livro vamos, junto à narradora, percebendo "haver um desencontro entre o que nos cabia e um estereótipo" (2017, p. 46), pois são múltiplas suas faces e daqueles com quem convive. Do mesmo modo, também há um desencontro entre o passado e o que se narra; entre vida e linguagem. Assim como "toda a infância é um álbum de infância" (p. 56), percebemos que toda escrita testemunhal é também um jogo com as palavras, um trabalho de imaginação, um "recreio da linguagem", como observa a narradora:

> Fora isso, afinal, a confissão: um pretexto para testar o uso de uma palavra nova, como ocorre por vezes – não ser a confissão que encontra as palavras certas para se exprimir, mas antes o que é suscitado pela vontade de usar certas palavras, de escrever de um certo modo: um recreio da linguagem, à semelhança daquilo que são, com frequência, os diários (2017, p. 61).

A "memória difusa" (2017, p. 83) da autora é permeada de avaliações no/do presente, mostrando como toda recuperação de um passado, seja ele individual ou coletivo, é marcada pelos limites da linguagem e por doses de invenção, criações e preenchimentos – conscientes ou não – das lacunas próprias do exercício memorialístico, em que há sempre, como escreveu a argentina Beatriz Sarlo, uma guinada subjetiva. "Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa" (SARLO, 2007, p. 10). Sua observação é referendada pela

narradora de *Esse cabelo*: "Pergunto-me como escrever com distância se mexo na memória, mas a distância, apercebo-me então, é condição da memória, não uma moral. Todo o passado é um satélite conveniente" (p. 83).

O romance é, portanto, uma das formas de se avaliar o presente através das lembranças do passado. É, também, o reconhecimento da inevitabilidade da busca por conhecer-se. "Não percebi que não posso fugir a confrontar-me com o que sou – mesmo que tal seja algo que apenas consigo ver a uma distância longa e equívoca. Aprendi a não temer embrenhar-me em mim mesma, uma condição que podemos viver enquanto uma conquista pessoal" (2017, p. 124).

O livro de Djaimilia nos faz refletir sobre processos de identificação, estereótipos e padrões de beleza em tempo de trânsitos geográficos e culturais, oferecendo lições "quanto à instabilidade e à mutação de identidades que estão sempre inacabadas, sempre sendo refeitas" (GILROY, 2012, p. 30). Também nos possibilita pensar sobre os limites das memórias coletiva e individual e o poder da escrita – e da leitura – para as prazerosas procuras e descobertas de quem se é.

REFERÊNCIAS

GILROY, Paul. *O Atlântico negro:* modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado:* cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Sheila Jacob

Doutoranda em Literatura Comparada no programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde desenvolve uma pesquisa sobre deslocamentos literários em obras dos escritores angolanos Arnaldo Santos e Manuel Rui. Mestre em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFF em 2012, com uma dissertação sobre o romance angolano A casa velha das margens, de Arnaldo Santos. Na mesma universidade concluiu o curso de especialização lato sensu Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa: Portugal e África, com monografia sobre alguns poetas de Angola dos séculos XIX e XX. É formada em Letras - Português/Literaturas e também em Comunicação Social com habilitação em jornalismo na UFF. Atualmente atua com ênfase nas literaturas de língua portuguesa, principalmente Angola.